

Antropologia e Astronomia Cultural – Repensando teorias e análises etnograficamente enraizadas

Alejandro Martín López^a
Priscila Faulhaber^b
Renato Athias^c

A Revista AntHropológicas tem o enorme prazer de apresentar o Dossiê que intitulamos Astronomia Cultural. Nesses últimos seis meses, colocamos em discussão um conjunto de artigos que a Revista recebeu para debater as questões sobre a relação humana com os astros e seus desdobramentos. Em outras palavras, essa coletânea debate pesquisas etnográficas que mostram a significação da astronomia cultural para a antropologia social. Trata de concepções e práticas referentes às relações céu-terra – em sentido amplo – e em conexão com o conjunto da vida social de um determinado agrupamento humano.

A astronomia acadêmica, enquanto saber legitimado sobre os fenômenos celestes se constituiu durante muito tempo como paradigma de cientificidade. No entanto, a abordagem de construções socioculturais dos sistemas de conhecimentos e práticas sobre o céu conso-

a Investigador Adjunto del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) en la Sección de Etnología, Instituto de Ciencias Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras, Univ. de Buenos Aires. Email: astroamlopez@hotmail.com.

b Pesquisadora Titular da Coordenação de História da Ciência do Museu de Astronomia e Ciências Afins. Email: pfaulhaber@globo.com.

c Professor do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) e da Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da UFPE. Email: renato.athias@ufpe.br.

lidou-se muito lentamente. No início da década de 1990 o termo ‘astronomia cultural’ começou a impor-se para designar um amplo espaço interdisciplinar que inclui entre outras áreas o que veio a ser denominado de etnoastronomia e a arqueoastronomia. Foi nas Américas que nos últimos anos este campo de saber vem cada vez se desenvolvendo, especialmente na área de etnoastronomia como um campo emergente, principalmente na Argentina e Brasil.

A relevância da antropologia, como campo específico de abordagem da diversidade das formas de construção dos sistemas de conhecimento, exige reconhecer que uma abordagem antropológica da astronomia acadêmica tem a mesma legitimidade, que lhe é reconhecida, quando se aplica aos outros sistemas de conhecimento astronômico. Estas incompreensões, quanto à validade disciplinar de procedimentos envolvendo a dialogia entre as culturas, estão relacionadas aos processos coloniais que permeiam toda a produção de conhecimento e não podem ser desconsideradas.

As razões que dificultaram a abordagem antropológica e sociológica da construção de conhecimentos sobre o céu são justamente as que fazem especialmente importante esta tarefa. A produção dos conhecimentos locais em âmbitos regionais e nacionais caracterizou-se por sua busca de integração com o conjunto do saber antropológico e os debates contemporâneos das ciências sociais. Nas últimas décadas se multiplicaram os exemplos do grande impacto da adequada valoração dos sistemas de conhecimento sobre o céu na luta pela legitimidade de diversas culturas na presente ordem global. Isto é particularmente evidente em relação ao crescente papel do ‘saber astronômico’ nos campos do ‘meio ambiente’ e do ‘patrimônio’. Visto que estes últimos têm se constituído em duas das linguagens nas quais hoje se expressa enorme gama de lutas e conflitos, o papel do astronômico dá uma urgência particular à aproximação museológica e patrimonial a este tipo de conhecimentos.

Desse modo o presente dossiê resulta do intercâmbio entre os pesquisadores que abordam diversas temáticas que entram em diálogo

com os discursos e práticas sobre o céu, particularmente com referência à etnografia. Comentaremos em seguida a coletânea que contém oito importantes textos mostrando essa relação dos homens com os astros e eventos. Inicialmente colocamos a tradução em português do artigo de Stephen Hugh-Jones relacionado aos Barasana da região do Noroeste Amazônico, onde discute especificamente as Plêiades e o Escorpião na mitologia desse povo.

O texto de Stephen Hugh-Jones originalmente foi publicado em inglês, em 1982, e fez parte de uma importante Conferência Internacional que ocorreu no Planetário Hayden do Museu Americano de História Natural, em Nova York, com patrocínio da Academia de Ciências de Nova York, que foi paradigmática no campo da Astronomia Cultural, intitulada *Ethnoastronomy and Archaeoastronomy in the American Tropics*, editadas como anais por Anthony Aveni e Gary Urton. Stephen Hugh-Jones propõe aos editores da Revista *Anthropológicas* que o seu texto original em português seja publicado com um adendo bibliográfico importante atualizando as questões inicialmente colocadas em 1982 apontando os também outros investigadores, antropólogos e indígenas que discutem essas mesmas questões, entre outros povos dessa região, todos eles despertados pelos desenhos e texto seminal de Theodore Koch-Grünberg de 1905 e republicados em 2009 pela Universidade do Amazonas e Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas intitulado '*Começos da Arte na selva. Desenhos manuais de indígenas colecionados por Dr. Theodor Koch-Grünberg em suas viagens pelo Brasil*' o que despertou o interesse de Hugh-Jones e, certamente de muitos outros antropólogos que atuam nessa imensa região do Noroeste Amazônico. Stephen Hugh-Jones assinala como os Barasana representam o universo composto de três camadas básicas: o céu, a terra e o mundo subterrâneo, expressos como modelos da experiência terrena, de modo que cada um é descrito como tendo florestas e rios e habitado por pessoas nas grandes casas comunais ou malocas. Em seu artigo Hugh-Jones mostra ainda os Barasana com um saber astronômico, não simplesmente como um sistema cogniti-

vo, mas também aquele conhecimento que dá aos humanos o poder sobre o mundo natural.

O artigo de Melissa Santana de Oliveira procura dialogar com as preocupações teóricas de Hugh-Jones entre os Tukano, que categorizam as constelações como *mahsã* (gentes), e que estão inseridas num sistema de compreensão, classificação e ordenação do mundo representando as relações de parentesco dentro dos clãs, como a espinha dorsal, tendo a hierarquia e a segmentação colocadas como evidência na relação, bem peculiar, existente nessa região. Evidentemente, nesse artigo a autora insiste que não se restringe apenas às relações entre os seres humanos, mas se estendendo a outros domínios, de modo a reger as relações entre as diversas ‘gentes’ que habitam o cosmos. Desta forma, as constelações que compõem o ciclo anual dos grupos Tukano do médio Tiquié, nomeiam e distinguem algumas desses conjuntos de estrelas que eles consideram ‘constelações-chefes’. Em um dos depoimentos, o de José Azevedo Tukano diz que “os *siōkhā* são as estrelas que estão na frente das constelações e recebem o nome dos ‘irmãos chefes’. A primeira estrela de *Aña* [Jararaca] é *Yupuri*, que está iluminando essa jararaca, *Seribhi*, irmão menor de *Yupuri*, vem na frente de *Pamo* [Tatu], *Doe* [irmão maior], está na frente de *Yai dūhpoa* [Cabeça da Onça]. Eles guardam os ornamentos onde eles moram... Por isso que tem umas estrelas assim perto das constelações. Estas estrelas iluminam estas constelações e dentro destas constelações estão todos estes ornamentos”.

Não muito diferente dos Tukano, os Moqoit, conhecidos também como um grupo dos Guaycuru no Sudoeste da Argentina, muito bem apresentado no artigo de Alejandro Martín López, constrói as suas ideias do céu a partir das suas relações sociais com seres celestiais. López o analisa abordando os encontros pessoais dos Moqoit com uma poderosa mulher não humana. A sua manifestação no céu na forma configurada como na constelação do ‘triângulo’ reproduz a imagem da Virgem, da mitologia cristã, com o seu manto estrelado, conectando desta forma, ao jogo das identidades dos Moqoit com o

que eles denominam de ‘*La Virjolé*’ onde as suas experiências de contato com o cristianismo podem ser visualizadas. Esse estudo demonstra, claramente, como as relações com os seres celestes estão também profundamente relacionadas aos eventos cruciais da memória e da territorialidade durante os muitos anos de contato dos Moqoit.

Priscila Faulhaber trabalha em seu artigo com o que ela chama de ‘roda ritual’, entre os povos Tikuna do alto Solimões, muito bem definida pelos especialistas Tikuna em oficinas e grupos de discussão desde 2002. Eles discutem os ‘panos de tururi’ vistos principalmente como indumentárias de dança ritual, que também inclui objetos designados como máscaras e vestimentas. As rodas são compreendidas pelos Tikuna como ‘escudos’ presentes nos rituais da puberdade, utilizados para a proteção das entidades que os carregam. Nesse sentido as rodas com elementos de astros celestes destacada na visão Tikuna sobre as estrelas *Worecü* estritamente relacionadas com o ritual de puberdade feminina são visualizadas na ‘roda ritual’. Essas rodas representadas pictoricamente mostram elementos celestiais e atmosféricos conectados com o cotidiano dos Tikuna, sendo assim um modo de expressar as entidades presentes relações céu-terra, mostrando claramente como eles manejam as forças que ordenam o mundo.

Com o artigo de Esther Katz deixamos os céus da América do Sul e passamos aquele da América do Norte com uma excelente discussão apresentada pelos Mixteco que expressam em seus mitos e representações típicas da área mesoamericana. Os astros celestes como o sol e a lua estão em relação com elementos da vida dos humanos, dos animais e das plantas, até mesmo das ações climáticas. A tempestade também está presente e é representada como um ser mitológico. O texto mostra como o conhecimento astronômico está relacionado à vida cotidiana, particularmente as práticas agrícolas. Assim, os agricultores prestam muita atenção a todos os sinais de natureza, animais, plantas, fenômenos meteorológicos, principalmente nas estrelas, incluindo o sol, lua, vénus e as plêiades. O texto mostra a comparação do sol e da lua com os ciclos da vida humana, animal ou vida vegetal. Explicando

que as duas estrelas nascem e morrem, mostrando a noite e o dia. As pessoas ainda respeitam o eixo do caminho do sol (leste-oeste), quando plantam o milho ou constroem suas casas e tem o necessário para enterrar os mortos.

María Eugenia Flores e Ana Gretel Echazú Böschemeier em seu texto, continuamos com um estudo sobre evento proveniente dos céus, o Raio como parte central da relação dos homens com os céus e com práticas xamânicas. A narrativa do texto foi inspirada pelas histórias de dois xamãs andinos que usam a folha de coca e terem sido tocados pela divindade do relâmpago, indagado sobre os detalhes da veiculação do poder extra-humano através do corpo. O Raio – este fenômeno celeste caracterizado por uma poderosa corrente eletromagnética que é descarregada para o chão - está presente em várias culturas andinas como uma força psíquica que liga os poderes cósmicos do mundo habitado: ele entra através da matéria viva e a transforma pra sempre. Enquanto plantas, animais e seres humanos são afetados pelo toque de um raio de forma irreversível a nossa abordagem etnográfica gradualmente construída em torno do entendimento Andino sobre as potencialidades celestes que atravessam o mundo humano e lhe dão forma e ordenamento.

Amando Mudrik nos leva para uma discussão muito envolvente, pois se trata da noção do dia e da noite entre os judeus e a forma como são utilizadas no calendário do Chaco argentino. É exatamente o mesmo céu que os Moquit olham, mas com o olhar de outro povo, que essa mesma visão das estrelas tem outra representação da delimitação do dia e da noite e a relação desses astros, que formam esses tempos com ritualidades que estão presentes e são realizadas por esse mesmo povo sob diferentes céus nesse mundo. É uma discussão instigante sobre como as estrelas determinam um calendário ritualístico de festas e celebrações de eventos do cotidiano. O texto observa o critério mais considerado na tradição judaica para o começo do dia e os critérios que atualmente são utilizados pelo grupo abordado, mostrando como são postos em prática no ambiente doméstico, no Chaco argentino

explorando estas ideias celestes, mostrando a existência de uma flexibilidade funcional dos critérios para o início do dia judaico e, ao mesmo tempo, observar os vínculos com os processos de construção de identidade, gênero e liderança.

O último texto do Dossiê é um excelente ensaio bibliográfico sobre o céu dos Wichi que vivem também no Chaco argentino. Como se pode perceber, esse dossiê busca destacar o significado das leituras do céu pelos diferentes povos. Também os Wichi, muito bem descritos por Mauro Mariani, Cecilia Paula Gómez e Sixto Giménez Benítez, debatem uma série de exemplos sobre a relação entre objetos celestiais e os vários seres que povoam a cosmologia dos Wichi, representados em sua organização social. Além disso, o texto mostra a necessidade de continuar investigando, especialmente realizando trabalhos de campo etnográfico para atualizar e problematizar a relação entre os humanos e os astros celestiais.

Esta área de conhecimento apresenta novas abordagens incluindo problemas relacionados à evidência que ampla variedade de sociedades dá conta de que para muitas delas o céu se constitui não apenas foco de grande interesse, senão também em fator crucial nas diversas dimensões da vida diária. Ademais, os trabalhos etnográficos em nossa região mostram que para grande quantidade de grupos sul-americanos o céu está fortemente vinculado ao poder e isto reforça o papel central do saber astronômico em suas concepções cosmopolíticas.